

UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM O TRATO DO CONTEÚDO LUTAS NO ENSINO INFANTIL: REFLEXÕES INICIAIS

Autor: HENRIQUE GERSON KOHL

Introdução

A experiência em questão materializa-se a partir do trato do conteúdo lutas junto às turmas de Educação Física da Educação Infantil de uma escola da rede privada de ensino da cidade de Recife - PE. Toda nossa proposta de intervenção docente foi desenvolvida com base na abordagem metodológica crítico-superadora. Na construção do conhecimento constatado, interpretado, compreendido e explicado da realidade desvelada pela presente intervenção, fica a certeza de que significativas reflexões afloram em relação ao trato do conteúdo lutas da escola.

1

Referencial Teórico

Numa breve compreensão sobre as lutas, podemos dizer que, a princípio, eram basicamente caracterizadas por uma natureza guerreira e/ou filosofia de vida. Natureza expressada via confrontos realizados entre pessoas. Tinham como recurso, técnicas de ataque e defesa, movidas pelos mais diversos interesses, em que podemos citar alguns exemplos, são eles: defesa dos bens materiais, autodefesa, defesa de valores, prazer, etc.

Ao longo dos tempos, como qualquer outra manifestação da cultura, as lutas desenvolveram inúmeros sentidos e significados para uma humanidade que sempre lutou por seus interesses, fossem individuais e/ou coletivos, no sentido de manter-se ou transformar-se uma determinada realidade da qual são parte interdependente¹.

¹ Para compreender o conceito de interdependência, estudar ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Braga, Portugal: Pax, 1980.

No referente ao universo escolar, hoje as lutas chegam das mais diversas maneiras, uma vez que podemos citar alguns exemplos como às chamadas “escolinhas”, apresentações esporádicas para apreciação da comunidade escolar, vivências junto aos discentes durante práticas que são materializadas nos intervalos da escola, via oralidade e tantos outros espaços significativos.

No que se refere ao viés legal, as lutas também chegam ou pelo menos deveriam chegar² às aulas de Educação Física como conteúdo curricular obrigatório caracterizado como “disputas em que o(s) oponente(s) deve(m) ser subjugado(s), com técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa” (BRASIL, 1998, p.70).

O norte legal supracitado contempla a necessidade do estudo deste conteúdo, o que concordamos plenamente, porém limita significativamente uma maior compreensão qualitativa no referente ao trato epistemológico, metodológico e aplicativo desta manifestação da cultura corporal, complexa na sua essência.

Limitações potencializadas por educadores (as) que quando abordam o conteúdo lutas, muitas o fazem de maneira descontextualizada, sem qualquer sistemática, restrita a uma especificidade de seu maior domínio e demais formas que convergem para um trabalho desprovido de cientificidade.

Possuímos o entendimento de que, nas aulas de Educação Física da escola, todos(as) devem ter a oportunidade de experimentar todos os conteúdos da cultura corporal, em que constatar, interpretar, compreender e explicar os seus respectivos sentidos e significados; relacionando-os com o cotidiano de forma crítica e favorável ao seu desenvolvimento para/com a sociedade em que vive, é condição política e pedagógica para um ato educativo comprometido com a transformação social.

² Sabemos que muitos(as) professores(as) não tratam o conteúdo lutas nas aulas de Educação Física. Algumas escolas também não oportunizam a abordagem deste conteúdo sob a inverdade de que as lutas potencializam e/ou potencializariam a ocorrência de uma maior incidência de agressões entre discentes, o que não possuem qualquer fundamentação científica. Ao contrário, estudos como o de Kohl (2007), por exemplo, evidenciam uma outra realidade no cotidiano da escola que não marginaliza o conhecimento luta.

Metodologia

No referente ao trato desse conhecimento no primeiro ciclo de ensino, tempo-espaço que configura nossa intervenção pedagógica, temos compreendida uma fase de escolarização na qual a criança encontra-se num estágio em que são latentes as referências sensoriais na sua relação com o conhecimento.

Neste ciclo de ensino, o (a) estudante, possui uma modo sincrético de ler o mundo, os dados da realidade são compreendidos de forma difusa. Assim, é função do(a) educador(a) “organizar a identificação desses dados constatados e descritos pelo (a)aluno(a) para que ele(a) possa formar sistemas, encontrar as relações entre as coisas, identificando as semelhanças e as diferenças” (SOARES et al., 1992, p.35). Este (a) estudante realiza um salto qualitativo ao iniciar categorizações, classificações e associações de objetos.

Nesta faixa etária, a experiência corporal é algo de incontestável importância, em que uma educação que desconsidere suas expressões corporais como linguagem, acaba por oprimir e limitar sua apropriação da cultura corporal humana. Logo, durante toda a nossa intervenção, optamos por considerarmos o potencial expressivo de cada criança, sempre estimulando a reelaboração do real através do imaginário em relação as lutas trabalhadas.

Um ponto de referência adotado foi a escolha de se trabalhar sem muitas demonstrações, pois os sinais são muitas vezes arbitrários, convencionais. Optamos por privilegiar ações que considerassem o conhecimento das crianças, seu potencial criador e expressivo humano, uma vez que, as respostas seriam tantas quanto fossem as crianças, pois cada criança tem sua forma de ser, de se colocar diante da outra e de se colocar no mundo.

Ao se trabalhar com a diversidade e as possibilidades do atacar, defender, desequilibrar; considerando as experiências do cotidiano anunciadas pelas crianças (brincadeiras com amigos/as, desenhos animados, filmes, etc.), as expressões de luta que surgem são amplas e repletas de significações desenvolvidas pelas próprias crianças.

Constituem ações significativamente particulares e espontâneas que abrem espaços qualitativos para o resgate e contextualização da historicidade das lutas enquanto manifestações da cultura corporal. Espaços para problematização do uso social do lutar, que discute os meios atuais para disputarmos determinado(s) objetivo(s), enfim, lócus favorável para o desenvolvimento de possibilidades a serem espiraladas no decorrer de cada abordagem em todos os ciclo de ensino³.

Tomamos atitudes de problematizar o fenômeno lutas junto com o coletivo, e não somente descrevê-lo a partir de intervenções junto às crianças. Atitudes que não foram fáceis e nos levavam a uma contínua reflexão sobre possibilidades pedagógicas para melhorar nossa prática pedagógica.

A ênfase pedagógica de nossa intervenção foi basicamente na elucidação dos seguintes problemas: o que é e para que serve uma luta? É possível lutar sem machucar-se e/ou machucar o(a) outro(a)? Que luta(s) nos vemos no nosso dia-a-dia?

Outra atitude pedagógica que tomamos como opção no decorrer de toda intervenção, foi a de sempre procurarmos ir além do universo de conhecimentos das crianças, uma vez que, o processo de manifestação de suas expressões é resultante de suas relações consigo, com outras crianças e com o mundo. Privilegiamos o estímulo a curiosidade de cada um(a), no sentido de avançarmos da curiosidade espontânea para a curiosidade epistêmica (FREIRE, 2002).

Procuramos favorecer uma maior liberdade em relação a (re)leitura das expressões de todos(as) estudantes, sempre considerando as suas respectivas sutilezas, no sentido de garantir lócus favorável ao exercício da imaginação e contato com formas de representação heterogêneas, o que oportunizou uma conviver junto a outras manifestações da cultura, diferentes das rotineiras.

³ Embora nosso relato de experiência esteja delimitado no primeiro ciclo de ensino, é de fundamental importância lembrar que os conteúdos da cultura corporal (jogos, esportes, danças, ginásticas e lutas) devem ser trabalhados em todos os ciclos de ensino. Também é relevante destacar que os ciclos de ensino não constituem etapas lineares e/ou fragmentadas em relação ao trato com cada conhecimento, em que cada estudante tem a possibilidade de tratar com diferentes ciclos simultaneamente, norteados pelos conhecimentos tratados.

No referente à nossa avaliação, buscou-se a superação de práticas avaliativas em o produto é valorizado em detrimento de todo o processo, que usam somente da quantificação via utilização de testes pontuais, os quais não possuem condições de retratar o trabalho realizado. Levou-se em conta a atual legislação educacional nacional, que propõe avaliar via verificação do rendimento escolar de cada um(a).

Seguindo o recomendado pelos PCNs, a nossa avaliação esteve pautada pela possibilidade de proporcionar uma dimensão fidedigna referente aos avanços e as dificuldades das crianças durante todo o processo, convergindo com uma perspectiva processual do processo de ensino-aprendizagem-avaliação.

Considerações Finais

Assim, no contribuir para o debate referente ao trato do conteúdo lutas em aulas de Educação Física, as análises realizadas, ainda que incipientes, identificam possibilidades para o trato desse conhecimento para a configuração de uma práxis social dialogada com um ser humano que “pode e deve desempenhar múltiplos papéis, sem perder sua unidade, construindo-se como uma integralidade numa comunidade que é por ele constituída ao tempo em que o institui” (SOUZA, 1999, p. 243).

Nem todos os momentos representaram uma construção fácil, uma vez que não é tão simples romper com paradigmas socialmente consolidados nas escolas. Qualquer mudança significa um desafio político que considere a heterogeneidade de estudantes e uma permanente auto-avaliação sobre a prática pedagógica desenvolvida a cada instante.

Fica evidente a responsabilidade das escolas em relação à criação de condições para manutenção de um projeto político-pedagógico favorável ao trato de conhecimentos oriundos das produções históricas do homem, como as lutas, por exemplo.

Finalmente, tem-se uma experiência pedagógica no campo da Educação Física crítico-superadora, com o conteúdo lutas mediado pela ludicidade, no sentido de desenvolver o ser humano de forma plena, num quefazer articulador e produtor do conhecimento,

dando possibilidades para os estudantes construírem seus sentidos referentes a cada luta estudada a partir de seus respectivos significados históricos.

Referências

BRASIL, S.E.F. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Educação Física**. Brasília, MEC/SEF, 1998.

ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Braga, Portugal: Pax, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários para à prática educativa**. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

KOHL, Henrique Gerson. **Gingado na prática pedagógica escolar: expressões lúdicas no quefazer da educação física 2007**. 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

SOARES, Carmem Lúcia et al. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992. (Série Formação do Professor).

SOUZA, João Francisco de. **A democracia dos movimentos sociais populares: uma comparação entre Brasil e México**. Recife: Bagaço, 1999.